

CLARICE LISPECTOR: O FEMININO REVISITADO

BELMIRA MAGALHÃES (UFAL)

As descobertas freudianas sobre a sexualidade, especialmente sobre a sexualidade feminina, foram incorporadas ao ideário contemporâneo, a partir da mediação do código paternalista, que permeia as relações sociais em geral e, principalmente, as relações de gênero.

A leitura do código paternalista sobre os textos de Freud que se referem à sexualidade feminina⁴⁹ é construída a partir da compreensão de que ao se formar como ser, a mulher possui “ausência de”: ausência de poder e da capacidade racional de leitura do mundo. É feita uma associação com os textos freudianos de forma mecanicista, transportando-se as afirmações sobre a “ausência do pênis” como dificuldade de se desligar da esfera da natureza para incorporar, como unidade autônoma, o código social.

A linguagem que funciona como possibilidade de introjeção e expressão do código social e pode, inclusive, modificar o próprio código é negada em sua apropriação completa à mulher. Falar pode, mas escrever é mais complicado, exige um grau de distanciamento, difícil de ser absorvido por este ser, dotado de sensibilidade aguda, mas sem o domínio racional do mundo. A oralidade faz parte do mundo feminino; a escrita, o código, são masculinos.

Dentro desse universo de normas e papéis definidos, que são gradativamente inculcados nos seres de diferentes sexos, através de uma socialização gradativa e, quase sempre eficaz, surge Clarice Lispector. Bastava um estudo da forma lingüística de seus escritos para provar a proposta inovadora com que trata as regras, tanto da

⁴⁹ FREUD, 1976. Principalmente o capítulo sobre sexualidade feminina.

linguagem, quanto da vida. Mas Clarice vai mais longe, arrisca-se, e toma o tema das relações de gênero como condutor de sua obra.

O relacionamento entre uma mulher (Loreley) e um homem (Ulisses), que, embora se amem, encontram barreiras cultural-ideológicas e, evidentemente, psicológicas, para a vivência plena da relação é o tema que Clarice desenvolve em *Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres*.⁵⁰

O narrador é feminino e busca perceber as contradições que envolvem uma mulher, que quer mais do que a convenção cultural a ela reservada. Ulisses representa o mundo, a alteridade necessária à sua aprendizagem; alteridade que já possui caminhos estabelecidos e que, ao mesmo tempo, sofre influências dessa subjetividade que procura sua identidade.

Toda a narração é construída no processo dialético da relação entre a subjetividade individual e o mundo social. Nesse sentido, avanços e retrocessos constituem as marcas do livro: conquista da personalidade e/ou adequação aos estereótipos, vigentes; tudo isso permeado por um grande amor.

A narrativa iniciada por uma vírgula, relaciona passado e presente, mostrando assim, estar tratando da relação entre a humanidade e tudo por ela já conquistado e o mundo presente, que tem que ser vivido e compreendido. A história do ser que foi capaz de dar o salto ontológico e desligar-se da esfera da natureza⁵¹, incorporá-la e ressurgir outro, que tem como lógica reprodutiva o constante renovar-se e distanciar-se cada vez mais da natureza é repassada pela personagem:

Como se passasse do homem-macaco ao pitecantropus erectus. E então não havia como retroceder: a luta pela sobrevivência entre mistérios. E o que o ser humano mais aspira é tornar-se ser humano (p.78).

⁵⁰ LISPECTOR, Clarice, 1970.

⁵¹ LUCKÁCS, 1979

Clarice faz, então, o encontro da mulher com a natureza, iniciando seu processo de pessoalização. Não uma individualização estereotipada que Lóri já conhecia e rejeitara: ser esposa, mãe, profissional. Para isso não seria necessária uma escrita clariceana, bastaria o retrato da própria realidade. Clarice investe na pessoalização efetiva que implica em consciência, em escolhas e em respostas que se transformam em novas objetividades.

A relação Lori/mar modifica ambos, seres distintos e independentes: esta é a procura de Lóri no relacionamento com o outro, que apenas se inicia:

Aí estava o mar, a mais ininteligível das existências não-humanas. E ali estava a mulher de pé, o mais ininteligível dos seres vivos. Como o ser humano fizera um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornara-se o mais ininteligível dos seres onde circulava sangue. Ela e o mar. (p.82)

Clarice reflete sobre a subjetividade que instaura a pergunta ao mundo objetivo e que por isso terá que eternamente procurar respostas às indagações, separando-se gradativa e perenemente das amarras naturais, sentindo-se, ao mesmo tempo, aprisionada pela natureza que corre em suas veias, limitando seu tempo e suas respostas.

Introduzida a personagem no mundo do código pela marca da diferença entre natureza e homem/mulher, e pela escritura de Clarice, que afirma *“que o sabor de uma fruta está no contato da fruta com o paladar e não na fruta mesmo”* (p.110); precisa-se, agora, percorrer o caminho para a relação de seres de sexos diferentes, mas que buscam se completar sem a perda das respectivas identidades, como Lóri e o mar. Clarice percebe que o homem está à frente em muitas questões, não por ser melhor, mas porque o código lhe antecipou o caminho, Lóri precisa de Ulisses para comunicar a iniciação, torná-la social, partilhada, sob pena de vê-la perdida, tanto quanto Clarice que partilha sua arte com os leitores:

Sua dor de vida tomara agora a forma de não poder mais esperar sem angústia o telefonema de Ulisses.[...] queria de

algum modo que ele soubesse de seu banho de mar de madrugada.[...] E Lóri tinha medo de, por falta de comunicação, perder os passos que avançara. (p.86-87)

Contraditoriamente, Lóri, amedrontada pela descoberta da fragilidade de Ulisses, que não sabe a resposta para a pergunta primeira do ser humano: quem sou eu, toma as rédeas e não se perde. Passa à incorporação plena do código, isto é, através da linguagem escrita expõe seu ser para si e para o mundo: *Sentou-se diante do papel vazio e escreveu:*

Clarice esclarece ao leitor/a sobre o papel da arte como mediadora entre a sociabilidade e a individualidade. Ulisses faz poemas, Lóri não os entende, mas Ulisses não é poeta ainda, precisa exercitar para promover o encontro de duas capacidades inerentes ao ser humano: pensar e intuir, da mesma forma que a autora necessita realizar o encontro entre Ulisses e Lóri (a que intui o óbvio e aquele que reflete sobre). Clarice percebe a dificuldade do encontro, o perigo que as personagens correm de se perderem sem que haja comunicação: no entanto, esclarece que na expressão artística isso é possível e novamente constrói uma meta linguagem, para mostrar o papel antecipatório que a arte possui, através da personagem que possui a racionalidade:

Nós que escrevemos temos que pensar e intuir. Nós os que escrevemos temos na palavra humana, escrita ou falada, grande mistério que não quero desvendar com meu raciocínio que é frio.(p.100)

Agora sim, depois de conhecida a alegria e a escritura, pode conhecer o prazer sexual com Ulisses, pois, *Ao contrário de Eva, ao morder a maçã, entrava no paraíso* (p.146). Estava em estado de graça que permitia *uma lucidez de quem não adivinha mais: sem esforço sabe*.(147).

A necessidade da linguagem que comunica e une a humanidade em suas respostas é ressaltada, nada pode ser conquistado apenas individualmente, o nós é uma criação humana, só possível àqueles que

consequiram uma linguagem comum, que interpenetra, mas deixa inteiras as partes:

[...] eles se haviam possuído além do que parecia ser possível e permitido, e no entanto ele e ela estavam inteiros.
[...] Era terra santa porque era única em que um ser humano podia ao amar dizer: eu sou tua e tu és meu, e nós é um (p. 168-69).

Lóri vai ao encontro de Ulisses, surpreende-o pelo seu aspecto renovado (cortara os cabelos) e o faz perceber que está pronta para falar do passado: o seu ser-assim que havia sido platônico em relação ao existir. Ulisses a quer toda, na cama também, já é possível sem medo de perder-se, falta apenas o momento preciso, que acontece no meio da noite, surgido da calma de um sonho bom e da chuva forte. Lóri parte para o encontro final/inicial, descobre, então, a essência de dois seres diferentes, que se encontram e se tomam um ao outro:

Sua voz era outra, perdera o tom de professor, sua voz agora era de um homem apenas (p. 169).

Lóri que o ajudou a perder-se *num mar de alegria e de dor* (p. 169), podia agora, sem medo de perder-se e de o perder, *falar com ele de igual para igual* (p. 169).

Clarice Lispector apresenta a particularidade de uma relação entre um homem e uma mulher no mundo contemporâneo, demonstrando o imbricamento que esta possui com o social e com a história da humanidade. Aparentemente, faz de Lóri um ser submisso ao caminho de Ulisses, professor de gente grande, enquanto ela, no máximo, consegue ensinar às crianças.

A materialidade textual parece confirmar os papéis que o código social reservou para homens e mulheres: na verdade, através da contraditoriedade da relação entre racionalidade e emoção, a autora tece seu ponto de vista sobre o difícil encontro entre homens e mulheres que querem manter suas identidades, mas que sentem necessidade um do outro.

Lóri ama seus alunos, não pela necessidade de ensinar-lhes, mas como seres que precisa vestir, e tornar bonitos. E é esse o ensinamento dela para Ulisses, que tudo sabia, que tudo explicava, mas não conseguia conceber poemas compreensíveis. Só após o encontro com Lóri, ele adquire a possibilidade de relação com o mundo de forma prazerosa, consciente, só depois do encontro Lóri pode ficar só, sem medo.

Na aparência da textualidade, a dificuldade feminina e a necessidade de ser conduzida pelo homem, podem levar o leitor/a a uma impressão falseada do ponto de vista da autora, pois a discriminação que a mulher sofre na sociedade moderna, incute-lhe a visão do social de fragilidade e inoperância. A ausência de, é a ausência do homem, sem o qual se sente perdida, como a Lóri do início do romance, logo, a discriminação da mulher, sua dificuldade de inserção no mundo, não é de Clarice, mas da própria sociabilidade. Inverter essa ordem, constituindo uma escritura inverossímil, não é ultrapassá-la, mas negá-la, o que afinal contribuiria apenas para conservá-la.

Clarice sabe que não há soluções definitivas, que terá de haver sempre um renovar e, por isso, sintetiza essa contraditoriedade através de duas marcas: conclui o livro com a palavra FIM, como a dizer: este momento está concluído. No entanto, termina o texto com o sinal gráfico dois pontos (:) insinuando ainda haver muito a construir, a ser explicado, a ser entendido, a...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. *Masculino/feminino: tensão insolúvel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ANDRADE, Ana Luíza. "A escritura feita iniciação feminina: Clarice Lispector e Virgínia Woolf" Revista Língua e Literatura, nº 15, São Paulo, 1986.
- BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e Gênero: Beauvoir, Wittige Foucault. in: BERNHABIB E CORNELL. (coord) *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa do Ventos, 1993.
- FREUD, Sigmund. "Feminilidade". in: Obras Completas, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LISPECTOR, Clarice. *Uma Aprendizagem ou O Livro do Prazeres*. 2ª. Rio de Janeiro: ed. Sabiá, 1970.
- LUKÁCS, Georg. *Estética: la peculiaridade de lo estético* (tra. esp.). Barcelona: México DF, Grijalbo, 1966-67.
- , *Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais em Marx*. Trad. Bras. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- SÁ, Olga. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- SAFFIOTI, Helecieth. "Rearticulando Gênero e classe social" in: COSTA, Albertina e BRUSHINE, Cristina (org.) Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1981.
- XAVIER, Elodia. (org.) *Tudo no Feminino: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.